

GASTÃO CRULS, O ROMANCISTA DO MISTÉRIO

O Dia – 12 de outubro de 1935.

O romance no Brasil passou por três fases distintas: 1) a fase lírica, parnasiana, poética, simbolista ou romântica, tendendo às vezes fugir para o realismo ou para o naturalismo ensinado pela escola francesa; 2) a fase revolucionária espiritualizadora da obra de arte; 3) a atual fase, renovadora, consequência lógica da fase anterior.

Na primeira fase teve lugar destacado Machado de Assis, o extremista Aluísio de Azevedo, Joaquim Manoel de Macedo, o contemplativo Alencar, Castro Alves e Álvares de Azevedo, na ordem em que exerceram influência no movimento literário nacional. A segunda fase nasceu com Graça Aranha, com o início da reação modernista improvisada pelo autor de “Viagem Maravilhosa”. E a terceira fase, a mais intensa e a mais dramática, é a fase da volta à terra, a fase do interesse da literatura pela vida social, pelo homem, pelo grupo, pela sociedade e pelo futuro do gênero humano.

Se a primeira foi a fase da indiferença e a segunda a fase do êxtase e da contemplação, essa terceira fase, orientada por uma mística criadora e audaz, reflexo das idéias em luta ou expressão pura de novas formas de vida, é a fase decisiva da ação, da ação renovadora em oposição constante às repetições inúteis e aos reflexos de escolas mortas.

O sr. Gastão Cruls – já é a segunda vez este ano que trato demoradamente da personalidade de Cruls – é um resultado destas três fases, uma simbiose, se podemos dizer, da primeira e das duas últimas englobadas. E isso, notamos, principalmente, em “Vertigem”. Acha-se preso ainda àquela forma antiga de se fazer romances de amor e de aventura, percorrendo com facilidade e leveza de espírito, do começo ao fim, sem romper nunca a idéia ideal que o domina na confecção do livro ou da obra. Além dessa forma purista e clássica, por assim dizer, o sr. Cruls deixa-se levar pelo pensamento moderno e pelas conquistas contínuas da cultura, fazendo livro de atualidade. É o que se dá com “Elsa e Elena”, em parte com “Vertigem” e em “A Amazônia Misteriosa”. “A Criação e o Criador” não foge a essa originalidade. É um característico afirmador do sr. Gastão Cruls. E essa originalidade e esse característico, às vezes paradoxal mas sempre interessante, ainda vemos, o que vem mais uma vez mostrar a verdade de nossa asserção, nas traduções que tem feito ultimamente o autor de “Coivara”. Nos livros transportados para o nosso idioma de Guzman, Matthews e Kessel – de Kessel em primeiro lugar – há certa identidade com livros do sr. Cruls. “Luxúria” e “Vertigem” são livros irmãos. As duas heroínas, Severina e Clélia, são figuras típicas saídas de um mesmo pensamento.

Em todo o livro do sr. Gastão Cruls, há sempre um enigma a ser desvendado que preocupa tenazmente o leitor passivo, do começo ao fim da leitura. Um mistério que impede abandonarmos a leitura ou deixarmos o livro para mais tarde. E isso deu motivo ao título de nosso artiguete de hoje, aproveitando assim, o espaço, para traçarmos alguns ligeiros comentários à margem do “Amazônia Misteriosa”, agora em sua 4.^a edição.

Em “Elsa e Helena”, por exemplo, há um delicioso sentido de mistério, e a gente se deixa levar mansamente, através daquelas complicações psicológicas tão do gosto do sr. Cruls, que não se chega a sentir o desenrolar dos fatos. É uma viagem longa que se faz sem olhar o meio de transporte, por uma região rica,

onde a natureza selvagem, a cada instante, nos reserva surpresas e imprevistos. E o sr. Gastão Cruls nada deixa passar sem um registro especial minucioso, demorado, às vezes, sem interesse direto. Preocupa-o demasiado o assunto e o modo de como analisar o assunto para melhor atrair o leitor. E aqui está o caso de Elsa e Helena – a Elsa e Helena da dupla personalidade – um caso característico de dissociação. E a figura de D. Clélia, de “Vertigem”, não foge também, quando deixa o marido para procurar novos amores com um indivíduo desclassificado, a essa vontade do autor de fixar caracteres.

Em “Amazônia Misteriosa”, outra é sem dúvida a orientação tomada pelo sr. Cruls. Para não fugir à realidade, o romance desenvolve-se como se fora um diário de viagem, através de nossas selvas amazônicas.

“É preciso conhecer o que é a imensidade da Amazônia para poder avaliar a mesquinhez ridícula que assumem as cartas geográficas, quando, diante delas, procuramos refazer mentalmente algum trecho já percorrido. Distâncias enormes, entrecortadas de rios caudalosos e florestas imensas, minguem então aos nossos olhos e o que exigiu dias e dias sem conta de lutas e sacrifícios para ser vingado, aparece como itinerário de qualquer jornada amena e a alcance do primeiro turista displicente. Assim sucede com a Amazônia, uma das regiões menos conhecidas e onde há rios e rios que nem figuram nas cartas”.

Nas primeiras páginas o romance do sr. Cruls é bastante monótono. Aos poucos, porém, com a entrada dos seus heróis pela mata adentro, muda completamente o aspecto do livro. E surgem as assombrações. E a floresta bizarra anima-se. E depois ainda, a caminhada até o “país das amazonas”, o conhecimento de Rosina, a morte de Piauihy, a fuga e as experiências científicas do sábio alemão escondido da civilização, fazem deste livro do sr. Cruls uma preciosidade. É superior a “A Selva”, do sr. Ferreira de Castro, onde os diálogos muito longos e a dissertação muito fraca dão uma impressão de maçudez paulificante. O sr. Gastão Cruls é bem mais conciso que o sr. Ferreira de Castro. Leva uma vantagem formidável na exposição: ele sente a grandeza da terra.

Não admira que “Amazônia Misteriosa” tenha alcançado quatro edições numa terra onde pouco se lê. É um livro belo na essência e firme na forma. Real. Cheio de vida.